

Editorial

Nesta edição, temos dois conjuntos de artigos. Um primeiro conjunto, que trata de temas diversificados, relacionados com: a educação de crianças em revistas de educação familiar; as relações entre o saber médico e a educação patriótica; as contribuições dos professores portugueses Rui Grácio e Rogério Fernandes para o campo da docência, pesquisa e construção democrática; as práticas educativas no Asilo São Luiz de Curitiba e a atuação dos bacharéis no ensino acadêmico de História em Sergipe. O segundo conjunto constitui o Dossiê *Imagens da Infância*, coordenado por Mirian Jorge Warde e Claudia Panizzolo, formado por cinco artigos que refletem sobre a infância a partir de perspectivas distintas, fundamentadas em análises históricas e sociológicas.

Carla Cardoso Vilhena e Antônio Gomes Ferreira se debruçam sobre as revistas de educação familiar veiculadas em Portugal, no período de 1945 a 1958, e abordam as orientações de médicos e educadores sobre a saúde mental da criança, principalmente, nas relações produzidas no convívio no âmbito familiar.

O saber médico e as práticas educativas também foram objeto de investigação de Iranilson Buriti de Oliveira e Leonardo Querino Freire, que analisaram ‘os discursos e escritos políticos, textos jornalísticos e correspondências trocadas pelos médicos paraibanos’, na primeira metade do século XX, tendo como foco principal a educação sanitária na escola primária.

Libania Nacif Xavier analisa as trajetórias dos professores Rui Grácio e Rogério Fernandes e as contribuições políticas e intelectuais de ambos, no campo da investigação histórica e historiográfica da educação luso-brasileira, na configuração de pesquisas acerca da História da

Profissão Docente, bem como na luta pela escola democrática em Portugal.

O Asilo São Luiz, fundado em janeiro de 1919 pelas Irmãs de São José para amparar os órfãos da gripe espanhola, recebeu posteriormente outros menores e desafiou os olhares atentos de Liane Maria Bertucci e Silvana C. H. Prestes da Silva. A preocupação da referida instituição com a inserção social dos asilados e a implantação do ensino primário e de cursos profissionalizantes permitiram às autoras uma compreensão mais aprofundada das práticas educativas, vivenciadas em Curitiba nas primeiras décadas do século XX.

João Paulo Gama Oliveira se dedicou a investigar a presença intensa dos bacharéis em Direito como docentes no curso de Geografia e História, da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, no período de 1951 a 1962. A análise de fontes documentais e orais diversas permitiu também ao autor a constatação de que o ensino de História pelos bacharéis acontecia em outras instituições educativas aracajuanas. Esse aspecto foi alterado lentamente com a formação de licenciados que atuaram no campo educacional sergipano.

No Dossiê *Imagens da Infância*, organizado por Mirian Jorge Warde e Cláudia Panizzolo, os estudos favorecem a desnaturalização do discurso sobre a infância e sobre as culturas infantis, em diferentes espaços e tempos, abrindo novas perspectivas de aprofundamento para a História da Educação e a História da Infância.

Cérebros cor-de-rosa e educação: uma análise pós-feminista da neurociência e do neurosexismo é o título do artigo assinado por Nancy Lesko e Stephanie D. McCall, que tem como foco central a questão: ‘À medida que as pesquisas sobre o cérebro se deslocam para a educação e para a formação docente, quais são as implicações no campo educacional?’

Mariano Narodowski, em *Infância, passado e nostalgia: mudanças na transmissão intergeracional*, problematiza ‘a matriz teórica durkheimiana de explicação dos processos educativos – segundo a qual as gerações mais velhas pré-formavam as gerações mais jovens – visando mostrar que esse esquema se aplica somente em certas circunstâncias históricas’.

A recepção da obra de Binet e dos testes psicométricos no Brasil: contra faces de uma história, de autoria de Regina Campos, Maria Cristina Gouvea e Paula Cristina Guimarães, traduz o debate travado por Manoel Bomfim, Maria Lacerda de Moura e Helena Antipoff em relação

ao processo de interpretação das medidas de inteligência no sistema educacional brasileiro e as resistências enfrentadas/produzidas para o uso dos testes nas instituições educativas.

Mirian J. Warde é autora de *G. Stanley Hall e o child study: Estados Unidos de fins do século XIX e começo do século XX*, que aborda a ‘formação do campo dos estudos da criança nos Estados Unidos’ e busca demonstrar o ‘processo de hegemonização da Psicologia sobre as demais disciplinas nos estudos da infância’.

O artigo de Claudia Panizzolo elege como foco *A Revista Bem-te-vi e o projeto civilizatório metodista nas mãos da criança brasileira*, no final do século XIX e início do século XX. Busca compreender ‘a construção e a difusão da imagem de criança impressa nas páginas da Revista’. Segundo a autora, “[...] os resultados alcançados evidenciam os planos metodistas para estabelecer uma infância civilizada e as práticas empreendidas nessa direção”.

Duas resenhas finalizam este número. A primeira, de autoria de Francisco Luiz Gomes de Carvalho, trata do livro *História de la Educación Adventista: una visión global*, de Floyd Greenleaf (2010). A segunda foi produzida por César de Alencar Arnaut de Toledo e Marcos Ayres Barboza sobre o livro *A Procissão de Cinza dos Terceiros Franciscanos da Bahia: uma expressão religiosa, pedagógica e barroca no mundo colonial*, de autoria de Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro (2012).

A *Revista Brasileira de História da Educação* mantém fluxo contínuo de avaliação das colaborações recebidas e deseja que os leitores enviem suas produções para este periódico, que se empenha para garantir a veiculação e o intercâmbio das pesquisas no campo da História da Educação.

Comissão Editorial da Revista Brasileira de História da Educação